

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**VALDEMIR PILTZ FANDRES**

**EMANCIPAÇÃO DE FORQUILHINHA:  
ENTRE AS PAIXÕES ÉTNICAS E O RACIONALISMO POLITICO.**

**CRICIÚMA**

**2013**

**VALDEMIR PILTZ FANDRES**

**EMANCIPAÇÃO DE FORQUILHINHA:  
ENTRE AS PAIXÕES ÉTNICAS E O RACIONALISMO POLITICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado e Bacharel no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Me. Paulo Sérgio Osório

**CRICIÚMA**

**2013**

**VALDEMIR PILTZ FANDRES**

**EMANCIPAÇÃO DE FORQUILHINHA:  
ENTRE AS PAIXÕES ÉTNICAS E O RACIONALISMO POLITICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado e Bacharel, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Local e Regional.

Criciúma, 2013

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mestre - UNESC - Orientador

Prof. João Henrique Zanelatto -Doutor - UNESC

Prof. Marcos Juvêncio de Moraes - Mestre - PUCRS

**Dedico esse TCC ao meu pai e minha mãe,  
meu filho e minha esposa.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus professores, mas três deles em especial, Paulo Sergio Osório por ser meu orientador, Antonio Luiz Miranda e João Henrique Zanelatto, por me ensinarem a gostar de história política.

## RESUMO

Nesse TCC pretendo apresentar como ocorreu o processo de emancipação de Forquilha, procurando mostrar quando a cultura interfere na política, e em qual momento a política interfere na cultura, mostrando os prós e contras tanto da política como da cultura.

**Palavras-chave:** Política. Emancipação. Povo. Identidade.

## LISTA DE TABELAS

<b>TABELA 1:</b> Lista dos componentes da Comissão Pró-Emancipação de Forquilha – COPEFOR. ....	23
<b>TABELA 2:</b> Resultado da consulta plebiscitária do distrito de Forquilha em 18 de outubro 1987 .....	25
<b>TABELA 3:</b> Resultado da consulta plebiscitária .....	30

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

COPEFOR: Comissão Pró-Emancipação de Forquilha.

ICM: Imposto sobre Circulação de Mercadorias.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 DA COMUNIDADE ÉTNICA AOS OBJETIVOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS...</b>	<b>13</b>
<b>3 DE UM SONHO, PARA A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
3.1 MAIS UMA FRUSTRAÇÃO, PARA EMFIM O OBJETIVO .....	24
<b>4 ENFIM A EMANCIPAÇÃO, E A REALIDADE.....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A produção textual nas páginas seguintes tem como objetivo apresentar ao leitor o processo emancipação, do ponto de vista político, étnico e cultural do município de Forquilha, ocorrido no período de 1950, a 1989, com fatos envolvendo a criação do distrito e a anexação de territórios para emancipação do município em 1989.

Este município se localiza na região sul de Santa Catarina, em uma comunidade que assume a posição de comunidade fundada por imigrantes alemães, que faz divisas territoriais com Criciúma, Nova Veneza, Meleiro e Maracajá, sendo, antes de sua emancipação, subordinado politicamente a Criciúma. Para o processo de emancipação acontecer, alguns fatos foram essenciais. Podemos citar alguns fatores, que foram muito importantes, como a identidade comunitária existente, o momento político em relação ao processo emancipacionista a níveis nacionais e estaduais, a participação política de membros da comunidade no cenário político de Criciúma e, um fato que é muito marcante e diferenciado, a anexação do território de Criciúma em relação à Nova Veneza, que manteve a comunidade étnica territorial ligada. Esse último fator foi o marco mais importante para essa emancipação.

Entre erros e lutas, algumas tentativas de emancipação fracassaram, mas sempre se manteve uma chama acesa. O meio religioso era um fato que ligava a comunidade. As associações culturais desportivas também foram um fator importante, onde os moradores se reuniam e discutiam detalhes de como estava o ambiente político em relação à comunidade, também haviam jovens envolvidos nos meios universitários recebendo novas influências políticas. Mas um sentimento que influencia os movimentos políticos emancipacionistas é a sensação de abandono em relação à sede política e a utopia de uma mudança econômica, que era a esperança de muitos cidadãos.

Pretendo apresentar a emancipação do ponto de vista cultural étnico, que ao mesmo tempo em que une, pode separar. Mostrarei que a mesma identidade alemã, que uniu parte da comunidade exclui outra parte, não pertencente à etnia alemã, principalmente os da etnia italiana, a qual ao não se sentir representada no projeto de emancipação política, decidiu pela oposição, movimento oposicionista que quase frustrou o sonho de se emancipar. Então podemos afirmar que processos de

unanimidade não existem quando se trata de população e que os mesmos pontos que podem unir, são também os que excluem, e assim os excluídos se tornam oposição. Pretendo também apontar para alguns referenciais teóricos, para justificar termos como identidade cultural, e definições de termos utilizados para melhor esclarecer algumas situações.

Mas a base da pesquisa centrará em obras produzidas localmente sobre o próprio município de Forquilha, obras essas que apresentam documentos oficiais, entrevistas e outros tipos de fontes. Para que o leitor compreenda um pouco de qual ponto de vista que este trabalho está sendo escrito, resido no mesmo município sobre o qual escrevo, não participei do processo de emancipação, mas ouço muitos relatos de pessoas as quais convivo, os personagens que fizeram parte dos fatos históricos estão a uma esquina de distancia do historiador, e muito provavelmente que influenciem sobre o que vou escrever. Quanto a possíveis questionamentos da ligação da história local de Forquilha com outros processos de emancipação, não é aconselhável, como tratarei da questão cultural, estará implícito algumas características muito próprias daquela região como o formato geográfico dos rios, que ao mesmo tempo em que, os moradores fazem relatos de paixão, esses rios associado às chuvas é o carrasco. Estes rios, que se situam no território do município, dão nomes e símbolos oficiais do município, e o meio geográfico natural em que se instalou a comunidade de Forquilha interferiu na cultura dos mesmos habitantes. A cultura desse povo sem seus rios, não seria a mesma.

## 2 DA COMUNIDADE ÉTNICA AOS OBJETIVOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS

Considerar o nascimento da comunidade de Forquilha para seu processo de emancipação é muito necessário, mas nesse trabalho darei foco ao processo de emancipação e em alguns momentos buscaremos recortes fora do tempo e espaço ao qual me dedico, para justificar a realidade emancipacionista. A qual procurarei analisar e expor nesse trabalho.

Um desses pontos que irei trabalhar fora de meu recorte temporal é o processo de anexação de território feita pelo município de Criciúma em relação ao município de Nova Veneza. Esse evento se iniciou quando a emancipação do município de Nova Veneza, em relação ao município de Criciúma foi realizada. Com isso a comunidade étnica de Forquilha foi separada politicamente, o que gerou um desconforto na comunidade, mas com a intensa pressão social e manobras políticas de membros da comunidade a anexação de território ocorreu unindo-a politicamente o que já estava unida por laços familiares, étnicos e religiosos.

Um relato desses fatos se encontra no livro: “Do presente para o passado, outras memórias uma nova história”. Apontado em entrevista realizada com o senhor, Aluin Arns, popularmente conhecido como Luli:

Primeiro era tudo Forquilha. Aí foi criado o município de Nova Veneza e repartiram, do rio pra cá era Nova Veneza. Aí os mais velhos, já estão todos mortos, pediram para eu ser candidato a vereador pela ex-UDN. Aí eu fui, o meu tio e meu padrinho (Aloísio Back) eram do PSD antigo, nós era político um contra o outro. Eles iam votar tudo em mim se eu conseguisse unir Forquilha. Aí eu e meu tio se unimos e conseguimos, eu entrei com um projeto na câmara de Nova Veneza e ali passou né. Então unimos Forquilha de novo. Fui vereador de 1963 a 1969. [...] Eu ia para a câmara com um 38 na pasta. Eles nos ameaçavam porque a gente queria unir Forquilha. Foi a maior festa aqui quando uniu Forquilha. Nova Veneza era contra (Aluin Arns)<sup>1</sup>.

Esta entrevista, cedida aos autores do livro, João Henrique Zanelatto e Paulo Sergio Osório, apontam que a unidade territorial de Forquilha passa por cima das disputas políticas partidárias internas. Outro ponto mostrado é a tensão que ocorreu no processo de anexação de território, quando o entrevistado aponta para ameaças e para o uso de armas, fatos que raramente aparecem em entrevistas da história recente. Quando conclui com a frase “Nova Veneza era contra”, pode nos levar ao entendimento de que a população de Nova Veneza não concordava com a

<sup>1</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Ed. UNESC, 2012. P.136.

anexação do território, mas nesse caso é evidenciado um modelo de conflito mais áspero. Assim, podemos analisar o quanto era forte a identidade étnica, ou os objetivos políticos, que se encontravam nesse processo de anexação de território que buscava unir territorialmente a comunidade étnica alemã de Forquilha.

Ao questionamento, se a anexação de território feita em relação à Nova Veneza era apenas uma luta para manter a união étnica da comunidade de Forquilha, ou se era parte de um plano emancipacionista que estava sendo colocado em prática, proponho ao leitor tirar suas conclusões. Mas não se pode negar que sem essa anexação de território a criação de um novo município se tornaria inviável política e economicamente. Sem anexação de território de Criciúma, em relação à Nova Veneza, não haveria emancipação do município de Forquilha. Não com as mesmas características geográficas e culturais, que compõe o município na atualidade.

Outro apontamento que podemos analisar na entrevista é como foi aprovada a anexação de território na câmara municipal de Nova Veneza. Se na própria entrevista, seu Luli mostra uma contradição, quando cita: “eu entrei com um projeto na câmara de Nova Veneza e ali passou né”. Mas também faz outra citação “Nova Veneza era contra”. Essa contradição pode levar a uma pesquisa mais ampla de possíveis acordos políticos internos da câmara municipal de Nova Veneza, mas esse não é o foco dessa investigação.

A essa entrevista temos que fazer alguns questionamentos que poderiam ter opiniões contrárias a esse processo, pois ao que me parece foi um acordo interno da Câmara de Vereadores de Nova Veneza, e não uma consulta popular, que definiu esse evento. Mas com objetivos emancipacionistas ou não, com a participação da população em geral, ou só nos meios políticos, o fato é que esse processo de anexação de território foi um passo fundamental para a existência do município de Forquilha.

Também levando em conta que o território anexado localiza-se entre os rios Mãe Luzia e São Bento, geograficamente formando o desenho de uma Forquilha, cujo aspecto dá nome à localidade, avaliando que o espaço geográfico interferiu na cultura gerando o nome da então comunidade, Forquilha. O espaço geográfico até então ocupado por Nova Veneza é a origem cultural do nome de tal comunidade. Entendendo que o pertencimento cultural e a união de indivíduos de uma comunidade se dá, em torno de símbolos, como a bandeira, o nome dado a

comunidade, em um determinado espaço geográfico, no caso Forquilha, os símbolos e a geografia tem ligações muito estreita. Assim, toda a simbologia que mantinha a ligação comunitária entre os indivíduos está envolvida com tal abrangência territorial.

Mas essa anexação de território foi à primeira ação em direção à emancipação política de Forquilha, passo que já poderia ser premeditado; ou então a extensão territorial de Nova Veneza foi um tropeço no sonho da sua independência política. Se foi um pré-projeto rumo à emancipação é difícil afirmar, pois é uma lacuna daquelas que buscamos no passado, e não temos respostas, nem conseguimos completar tal espaço.

Quanto à identidade cultural étnica existente no município de Forquilha, vale ressaltar que não era unanimidade. É fato que havia opiniões discordantes entre todas as tentativas de emancipação e isso provavelmente também na anexação de território de Nova Veneza em relação à Criciúma, pois a definição de identidade cultural, segundo Stuart Hall, é a seguinte: “[...] identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ à cultura étnicas, raciais, linguísticas, religiosas [...]”<sup>2</sup>.

Para esses pontos destacados da obra de Stuart Hall, podemos apontar vários conflitos dentre anexação de território de Nova Veneza para Criciúma, anexação essa que envolvia diretamente os interesses do distrito de Forquilha. No território anexado habitavam também italianos, que não pertenciam à etnia que pretendia unificar o território física e culturalmente. Isso pode apontar para indícios de que a anexação de território ocorreu nos meios políticos, e que não era unanimidade entre os habitantes de tal espaço.

A questão da língua falada pode ser mais ampla do que simplesmente falar uma determinada raiz linguística, podendo estar essa diferença no sotaque da pronúncia das palavras de uma mesma língua – como exemplo sotaques italianos e alemães – falados dentro da língua portuguesa, também influenciando na questão de pertencimento a um grupo, ou não. Isso levado ao contexto, em que duas etnias ocupam o mesmo espaço geográfico, com diferenças linguística e cultural, se tornou motivo para conflitos de ideais no momento em que se pretendeu unificar o determinado território.

---

<sup>2</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 8.

Na visão proposta no livro “Forquilha: história e resgate da memória dos nossos antepassados” um importante aspecto apontado por Stuart Hall é demonstrado, que é o vínculo religioso existente entre a comunidade de Forquilha e os municípios da qual foi emancipada politicamente – Nova Veneza e Criciúma. Veja na citação seguinte: “Essa separação causou grande descontentamento à comunidade que desde a fundação, 1912, formava uma unidade em torno da escola, igreja, comércio e lazer”<sup>3</sup>.

Quanto ao pertencimento cultural apontado por Stuart Hall<sup>4</sup>, podemos ver, na citação de Otília Arns, a comunidade religiosa, que era um dos possíveis motivos para a necessidade de anexação de território para unir a comunidade Forquilha. Logicamente, havia outros motivos para unir a comunidade, mas se destacarmos os principais, poderíamos apontar a coesão da etnia alemã, a união em torno da Igreja Católica local, e os laços familiares – pontos que aumentavam a necessidade de unificação do território.

Mas sempre é preciso entender que esses processos não são unanimidades, e que se o evento da anexação ocorreu, deve-se ao fato das forças políticas da elite alemã terem vencido, por interesse de uma grande maioria. Porém jamais pode-se afirmar ter sido unanimidade. A oposição realizada tanto no processo de anexação, como nas tentativas de emancipação, era formado principalmente por italianos residentes no mesmo território

Mas, enfim, vamos para o desfecho do processo de anexação de território, que uniu territorialmente o então distrito de Forquilha. Podemos apontar duas descrições, a partir de fontes bibliográficas. Uma dessas fontes está no livro “Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história”. Em entrevista cedida para os autores, o senhor Aluin Arns afirma: “Aí eu e meu tio se unimos e conseguimos, eu entrei com um projeto na câmara de Nova Veneza e ali passou né. Então unimos Forquilha de novo”<sup>5</sup>.

Essa visão destacada acima é retirada do livro de Paulo Sérgio Osório e João Henrique Zanelatto, a qual aponta como personagem seu Aluin Arns, na época

---

<sup>3</sup> ARNS, Otília. **Forquilha 1912-2002: História e resgate da memória dos nossos antepassados**. Florianópolis: IOESC, 2003. p. 288-289.

<sup>4</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

<sup>5</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha: Ed. UNESC, 2012. p. 136.

vereador por Nova Veneza. Já no livro de Otilia Arns<sup>6</sup> é apontado outro personagem em outro cenário para o processo da anexação de território de Nova Veneza para Criciúma; trata-se prefeito de Criciúma, Arlindo Junques.

Foi preciso que um filho da comunidade de Forquilha assumisse o comando da prefeitura de Criciúma e resolvesse o problema de sua comunidade [...] Foi o prefeito Arlindo Junques (07/10/1963 a 31/01/1966) que conseguiu a aprovação da lei que desmembrou na região sul do município de Nova Veneza [...].

Isoladamente, as duas citações se contradizem. Para a entrevista concedida para João Henrique Zanelatto e Paulo Sérgio Osório o entrevistado afirma que o processo se deu na câmara de vereadores de Nova Veneza, do qual o entrevistado foi o personagem principal.

Já segundo a obra de Otilia Arns, o personagem é Arlindo Junques, prefeito de Criciúma. Quem efetivamente realizou o processo de anexação fica como uma incógnita, mas o fato é que ocorreu a anexação de território e foi de fundamental importância econômica, populacional e geográfica, para a futura emancipação política do município de Forquilha.

---

<sup>6</sup> ARNS, Otilia. **Forquilha 1912-2002: História e resgate da memória dos nossos antepassados.** Florianópolis: IOESC, 2003. p. 289.



### 3 DE UM SONHO, PARA A LUTA PELA EMANCIPAÇÃO

Na visão poética romântica colocada por Otília Arns, os fatos são apresentados numa sequência interessante, na qual faz-se questão de ressaltar a importância da união da comunidade, que havia sido separada politicamente entre dois municípios. Objetivando os próximos passos em direção à emancipação do então distrito, que se encaminhava para a independência política – que seria efetuada quase duas décadas após ter se tornado distrito de Criciúma. Veja esses detalhes diretamente na escrita de Otília Arns<sup>7</sup>:

Com a unidade da comunidade de Forquilha restabelecida, o número de habitantes sensivelmente elevado, o progresso da agricultura, da indústria, do comércio e da pecuária, crescidos em termos de ICM, o povo forquilhaense se conscientizou que havia chegado a hora de sua emancipação.

Observando esse ponto de vista colocado pela autora, podemos concluir que a união do território cultural da comunidade de Forquilha também teve função econômica e geográfica para futura emancipação do município, pois a mesma aponta para a questão econômica em relação ao ICM, e para o número de habitantes, fatores estes que seriam seriamente comprometidos se a comunidade étnica, territorial e econômica estivesse dividida entre os municípios de Criciúma e Nova Veneza. Mas o processo de uma construção do município passa por muitos embates políticos-administrativos, pois sempre devemos lembrar que em um processo de emancipação sempre há duas faces da moeda: de um lado há uma comunidade com um sonho de unidade geopolítica, e de outro estão os jogos políticos e os processos burocráticos, entre outros empecilhos, que muitas vezes podem frustrar os sonhos e objetivos de uma população.

O que pretendo abordar junto às ocorrências fatuais com relação à emancipação política é a questão de até que ponto a comunidade interfere no modo de pensar de seus líderes políticos e em qual ponto as lideranças interferem nos interesses da população. Pois, segundo Peter Burke<sup>8</sup>, não podemos estudar a política sem analisar as sociedades que estão em contato com os meios políticos, “em vez disso nos percebemos preocupados com o elemento social na política e

---

<sup>7</sup> ARNS, Otília. **Forquilha 1912-2002: História e resgate da memória dos nossos antepassados**. Florianópolis: IOESC, 2003. p. 289.

<sup>8</sup> BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História**. 2. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992. p. 37.

com o elemento político na sociedade”.

Com esta perspectiva, podemos começar a analisar a transformação da comunidade do ainda distrito do município de Criciúma, e, na sequência, todos os processos emancipacionistas dessa mesma comunidade. Para Zanelatto e Osório<sup>9</sup>, a participação de políticos da localidade de Forquilha na administração pública de Criciúma foi um fator decisivo na transformação da localidade. E foi certamente o crescente peso político desta comunidade que lhe deu força para pleitear a criação do distrito.

Entrando em contato com as ideias dos autores do livro “Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história”, é de se concordar que essa participação de lideranças públicas do município de Criciúma, com origens étnicas e pertencentes à comunidade de Forquilha, tenha sim influenciado politicamente na construção do distrito. Mas vale ressaltar que esses indivíduos são apenas as consequências de um processo, ou seja, foram eleitos pelo povo para representar seus interesses. Teoricamente, os mesmos estavam a serviços dos eleitores e representavam seus desejos. Logo, neste ponto podemos considerar que essas lideranças políticas também são resultado dos anseios dessa determinada região. Sendo assim, o que é central, são as ações dos políticos, que devem ser analisados como resultados das vontades sociais e das ações culturais construídas no dia a dia da comunidade. Todavia, há que se observar como as vontades sociais podem ser manipuladas por meios políticos. Como se pode citar: a convivência nas comunidades religiosas, nos locais de diversão, como clubes e associações desportivas, construíram uma identidade de comunidade, a qual criou a necessidade de representação política. Então, os políticos que agiram para criar o distrito de Forquilha apenas representaram desejos culturalmente construídos, apenas acrescentando objetivos e razões políticas aos sonhos já existentes. Com duas vitórias da comunidade através dos meios políticos. Estas duas vitórias foram à reunificação da comunidade que estava dividida entre Criciúma e Nova Veneza, e a conquista do título de distrito, encorajando a comunidade a lutar pela emancipação.

Mas para melhor compreender o processo de interferência da comunidade de Forquilha na política, e os meios políticos agindo sobre a identidade comunitária, deve-se analisar este como um processo de duas vias.

---

<sup>9</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história**. Forquilha: Ed. UNESCO, 2012. p. 135.

Os meios políticos, percebendo os desejos e a paixão da população, a reelabora, transformando-a em razão objetiva política. Assim, os grupos da elite social de Forquilha, percebendo os anseios da comunidade, recebe o sonho de independência política, de melhoras nas condições sociais, monta suas estratégias políticas partidárias e devolve aos interesses da população, assim manipulando as paixões já existentes nos meios comunitários.

Mas das "lutas" ou tentativas de emancipação podemos analisar, partindo da primeira, que se mostra de pouca participação popular, sem objetivos bem definidos, podendo-se entender que esse processo, se foi assimilado pelos meios políticos, não foi bem elaborado, pois a baixa participação popular pode apontar indícios de que não houve uma propaganda de convencimento para atingir melhores índices de interesse da população para construir um município em determinado território. Objetivou-se um espaço geográfico, sem um a conscientização da comunidade que ocupava esse determinado espaço, nesse ponto que se fez necessário a ação nos meios políticos para o convencimento de uma maior massa populacional. A baixa participação popular estava ligada ao território que se pretendia inicialmente, que abrangia a área que não estava ligada à etnia alemã, como por exemplo os bairros São Defende e Mãe Luzia.

Já com a participação política em Criciúma, uma visível ascensão econômica, tanto na agricultura, quanto na indústria, associada ao sentimento de abandono alimento pela população de Forquilha, constitui-se em um terreno fértil para o plantio de ideais separatistas com relação ao município sede. O primeiro passo, dado em 1975, seria um passo em falso, com muita vontade, mas pouca experiência política. Cento e oitenta eleitores ligados ao distrito enviaram a Assembléia Legislativa um pedido de emancipação, que foi arquivado sob a justificativa da falta de tempo para que a proposta tramitasse dentro da daquela Casa. Vejamos essa afirmação apontada por Zanelatto e Osório<sup>10</sup>:

A luta pela emancipação política do distrito de forquilha foi iniciada no ano de 1975. Na época cento e oitenta eleitores residentes no distrito encaminharam um abaixo-assinado para a Assembleia Legislativa solicitando a emancipação... No entanto em virtude do decurso de prazo para a tramitação, o processo não prosperou e foi arquivado frustrando as expectativas dos moradores do distrito de forquilha.

---

<sup>10</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 138.

Fazendo uma análise minuciosa nessa citação, é possível verificar que o grupo de pessoas envolvidas na assinatura do abaixo-assinado eram poucas. Podemos observar que os ideais de emancipação não tinham grande abrangência na população, que com a falta de acompanhamento e a pressão social o processo foi arquivado. A pressão social estaria ainda presente nos próximos processos de emancipação, momento inclusive que acontecem viagens até a Assembléia Legislativa, onde a população acompanhava os processos como forma de pressão popular sobre os meios administrativos políticos como forma de conquistar seus sonhos de independência política.

Abafar uma derrota somente com outra investida, essa seria a segunda tentativa de emancipação. Os grupos interessados na emancipação liderados e representados pelo ex-deputado, Eno Steiner, desarquivaram o processo anteriormente proposto. Dessa vez, chegou-se um passo adiante da tentativa anterior, com a determinação do plebiscito, onde os reais anseios da população da localidade seriam consultados através do voto. Voto esse que daria o direito de a população escolher democraticamente se pretendia ou não pertencer ao novo município.

Mas a vontade da população de ser ouvida foi frustrada, ainda nos meios políticos administrativos. O prefeito de Criciúma, Altair Guidí, por motivos econômicos, financeiros ou de manutenção de território, em 16 de maio de 1982, entrou com mandato de segurança, alegando que a decisão da Assembléia Legislativa estava ferindo o direito de Criciúma de manter sua integridade territorial. Ao interpretar o fato, cabe observar que, se foi preciso frustrar o plebiscito é por que as autoridades de Criciúma temiam os resultados das urnas, pois diferente da primeira tentativa essa segunda já despertava os interesses da população. Sendo assim, os ânimos, que já estavam alterados pelos motivos de interesses entre o município de Criciúma e o seu distrito - Forquilha - com essa frustração faltando apenas 40 dias para o plebiscito certamente gerou muita tensão entre os lados opostos, pelos seus interesses políticos. Criciúma, tentando manter sua integridade territorial por motivos econômicos. Forquilha buscando o direito de uma escolha democrática pela sua população, de pertencimento ou não, ao novo município, interrompida nos meios jurídicos.

Como já apontado anteriormente a comunidade de Forquilha teve vários avanços no campo político: Ascendeu à condição de distrito, participação de

seus cidadãos na política. Mas o sonho principal de se emancipar politicamente não era tão simples para ser executado apenas por aspirações populares, não era o suficiente nesse ponto para articular um projeto de emancipação, pois os processos burocráticos exigem um pouco mais de persistência e organização. Modelo de organização essa, que René Rémond<sup>11</sup> define dessa forma:

É no espaço entre o problema e o discurso que se situa a medição política, e esta é a obra das forças políticas que tem como uma das funções primordiais precisamente articular, na linguagem que lhe é própria, as necessidades ou aspirações mais ou menos confusas das populações.

A citação de Rémond ilustra bem como as aspirações da população de Forquilha necessitava de uma liderança eficiente, para orientar e atuar nos meios políticos, assim efetuando os processos legais. No caso de Forquilha exercendo a representatividade de cada bairro, que compunha a área objetivada para a emancipação. Sobre este aspecto, podemos observar em Zanelatto e Osório<sup>12</sup>, a lista de indivíduos que compunham o grupo de líderes (abaixo), COPEFOR, Comissão Pró-Emancipação de Forquilha.

Então foi preciso que a comunidade entregasse sobre a responsabilidade de lideranças o tão almejado sonho de autonomia administrativa municipal. O fato é que a escolha desses organizadores para os processos burocráticos não satisfiz todos os grupos étnicos políticos e de classe já existentes no meio. Isso causou rupturas na unidade comunitária. Algumas peças desse quebra-cabeça não se encaixaram no desenho de sociedade que iria elaborar as metas e projetos na construção do novo município. Rupturas essas que causaram problemas nas construções políticas, que dependiam da vontade popular, como por exemplo, em um plebiscito, com grupos diferentes divergindo internamente, com isso enfraquecendo o objetivo principal, qual seja a ascensão política à categoria de município. No caso de Forquilha, até houve esforços para que esse tipo de incidente não ocorresse, procurando representação para todos os bairros, que faziam parte da localidade geográfica pretendida, para o processo de emancipação. Veja na citação a seguir:

Em 16 de maio de 1987, reunidos no Ideal Esporte Clube, moradores de Forquilha formaram a Comissão Pró-emancipação do Distrito. Com a

---

<sup>11</sup> RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. Ed Rio de Janeiro: FGV Ed., 2003. p. 62.

<sup>12</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012.

presença de 200 (duzentas) pessoas e lideranças das 25 (vinte e cinco) comunidades que compõem o distrito definiram as funções da comissão<sup>13</sup>.

Mas a representação étnica não foi bem aceita, causando descontentamento em algumas etnias. Assunto esse que será abordado no capítulo a seguir.

Veja no quadro a seguir a distribuição dos cargos na COPEFOR:

**Tabela 3:** Lista dos componentes da Comissão Pró-Emancipação de Forquilha – COPEFOR.

<b>Presidente:</b> Vanderlei Luiz Ricken	
<b>Coordenador:</b> Valberto Arns	
<b>Secretário:</b> Dorivaldo Córneo	
<b>Tesoureiro do fundo, pró-emancipação:</b> Armínio Westrup e Ademar Back	
<b>Membros:</b>	
Lotar backs	Alcides da Silva
Elmar Kurt	Augustinho Kurt
Godofredo Hoepers	Mario Kürtz
José Maag	Mario Kulkamp
Ricardo Arns	Wener Backes
Anivaldo Back	Alírio Michels
Dagoberto Arns	Marcelo Scoss
Joaquim Loch	Irmund Back
Benevunuto Heerdt	Frederico Hobbold
Lindomar Loch	Augusto da Silva
Valberto Beckembrock	Cláudio Rabelo
Livino Loch	Edivaldo de Oliveira
Amida Tiskoski	João Michels
Gilberto Steiner	Almir Schimtz
	Dimas Kammer

**Fonte:** Zanelatto; Osório, 2012.

Analisando a tabela acima podemos observar uma grande maioria dos nomes de origem alemã, essa é uma das complicações que podem ter gerado descontentamento em outros grupos étnicos nesse período já bem estabelecidos na localidade. Outro ponto que é possível questionar é se os partidos políticos estão representados nesse quadro. Considerando que em cada bairro foi escolhido um representante, seria impossível que todos os partidos políticos estejam presentes na comissão pró-emancipação, citada no quadro acima. As disputas internas poderiam arruinar ou dificultar esse sonho de independência política administrativa. Mas o aprendizado com as derrotas, a existência da COPEFOR, uma comissão responsável por articular melhor, nos meios políticos judiciais, os anseios da população, persistentemente partiram para outra tentativa que veremos no próximo

<sup>13</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha:** do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 138.

capítulo.

### 3.1 MAIS UMA FRUSTRAÇÃO, PARA EMFIM O OBJETIVO

Os dois processos de emancipação, que foram apresentados anteriormente, mostram um avanço, da primeira tentativa, em 1975, para a segunda, em 1981. No primeiro, o plebiscito nem chegou a ser marcado. No segundo foi marcado o plebiscito, e, faltando 40 dias para a participação popular se efetivar na questão emancipacionista de Forquilha, as autoridades de Criciúma interferiram nos meios judiciais, impedindo a manifestação da população através do voto democrático. Reapresentei esses fatos já mostrados, no capítulo anterior, com objetivo de mostrar que a emancipação de Forquilha parece seguir um roteiro, onde em cada tentativa os moradores passam uma fase a mais no processo. Primeiro nem marcado o plebiscito. O segundo marcou-se o plebiscito, mas não foi realizado. No terceiro, do qual ainda tratarei, ocorreu o plebiscito, mas o governador de Santa Catarina, Pedro Ivo Campos, vetou a criação do município. Somente na quarta tentativa todas as fases foram concluídas.

Mas vamos agora tratar especificamente da terceira tentativa que ocorreu em, 1987. Na qual a esperança da população se tornará muito grande em relação ao evento. Pois com o plebiscito, era quase certa a vitória da comunidade. Como foi realmente o que ocorreu, em 18 de outubro de 1987. A votação a favor da manifestação foi significativa, totalizando a cifra de 4.301 votantes, de um total de 5.516 eleitores inscritos no distrito. O resultado: 3.516 votos à favor, 707 contra. Os votos brancos e nulos totalizaram 78.

Outro detalhe que a tabela de votos aponta, é que das 23 sessões eleitorais, o “sim” à criação do município só perde em três sessões. Estando duas dessas sessões em território não pertencente atualmente ao município de Forquilha. As duas se localizam no bairro Mãe Luzia, hoje sob jurisdição de Criciúma. A outra sessão estava localizada no bairro Vila Franca, caracterizado por uma grande presença de famílias italianas. Aponto para a questão do bairro Vila Franca, onde o “não” teve 91 votos e o “sim” 82. Uma diferença pequena de 9 votos. Considerando essa diferença, podemos observar que a comunidade de Vila Franca se dividiu, entre o fato de a Etnia italiana ser a maioria, e estar excluída pela liderança alemã, e ao sonho de pertencer ao novo município. O destaque é que a

participação do eleitorado no plebiscito seguinte foi bem menor. O processo se invertera e o “sim” à criação do novo município ganhara por, 48 votos a 34. Por uma diferença de 14 votos o processo se inverteu. Mas para comparar os dois plebiscitos temos que dar atenção ao fato destacado por Osório e Zanelatto, apontando para um possível boicote, como se pode ver a seguir:

**Tabela 4:** Resultado da consulta plebiscitária do distrito de Forquilha em 18 de outubro 1987.

Nº seção	Localização da seção	Eleitores do distrito	Eleitores da seção	Votação sim	Votação não	Votos brancos	Votos nulos
0627	E. I. Gabriel Serafim	189	90	52	32	03	05
0242	São Jorge	100	78	60	16	02	—
0183	E. R. Francisco Hoepers	136	122	118	04	—	—
0175	Vila Franca	312	179	<b>82</b>	<b>91</b>	03	03
0182	Escola FC Hoepers	294	261	250	06	01	04
0177	G. E. Frei Balthazar	296	224	213	07	02	02
0179	G. E. Frei Balthazar	297	232	214	15	02	01
0184	E. R. A. Aloizyus Back	302	256	240	15	01	—
0186	Pré Escolar Mãe Luzia	183	113	<b>20</b>	<b>91</b>	01	01
0243	Santa Terezinha	333	303	280	20	02	01
0246	Sanga Do Engenho	282	242	206	28	03	05
0245	Sanga do café	199	160	136	23	—	01
0244	E.I. De São Pedro	127	109	99	06	02	02
0185	E. B. Giacomo Burigo	357	213	<b>38</b>	<b>171</b>	01	03
0180	G. E. Frei Balthazar	297	230	211	17	—	02
0176	G. E. Frei Balthazar	298	233	220	10	01	03
0249	Escola Int. Ernesto Pazini	146	127	87	38	01	01
0241	E. I. Luiz Boeing	98	92	90	02	—	—
0181	Forquilha	260	260	243	16	—	01
0178	Sede	300	234	212	15	02	05
0174	Ouro Negro	385	215	155	56	02	02
0247	Santa Rosa	206	179	168	09	—	02
0248	Morro comprido	164	149	124	19	04	02
	<b>Total</b>	<b>5.561</b>	<b>4.301</b>	<b>3.516</b>	<b>707</b>	<b>33</b>	<b>45</b>

**Fonte:** Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina apud Osório; Zanelatto 2012, p. 138. Adaptado pelo autor.



Procurando entender a tabela acima, se faz necessário primeiramente uma busca no dicionário, qual é o significado da palavra plebiscito, termo esse que significa: Voto do povo, por sim ou não, a uma proposta que lhe é apresentada<sup>14</sup>.

Tendo a definição da palavra plebiscito, podemos elaborar mais alguns questionamentos. Um dessas questões é: de que forma a proposta de emancipação de Forquilha foi apresentada à população? Outro ponto questão que vale a pena discutir: por quem foi apresentada? Quais os interesses do grupo que apresentou a proposta? E o ponto central que pretendo apresentar: o eleitorado que votou, tinha realmente consciência do que estava fazendo? Ou era simplesmente massa de manobra de grupos políticos que lideravam tal proposta?

A população geralmente tem uma visão muito utópica, quando se trata de emancipação política dos municípios, esperam, por exemplo: Melhoria no seu nível sócio econômico. Dentro dessas utopias da população, as lideranças políticas elaboram seus discursos. Assim convencendo o eleitorado com muita facilidade. A questão apontada anteriormente, que propõe a entender de que forma as propostas de emancipação de Forquilha foi apresentada: de maneira muito simples pode ser entendida que nasce a partir de uma comunidade que mantinha sua identidade étnica, de uma sensação de abandono pela administração do município sede. Assim, com base nesses pontos, os grupos políticos elaboram seus discursos, usando a utopia da população, em benefícios de seus interesses próprios. Quanto se a população de Forquilha foi massa de manobra, isso é pouco provável, pois se há um projeto de emancipação, a mesma população votou pelo “sim”, essa mesma tinha objetivos, podendo estarem relacionados às emoções envolvendo a questão de identidade étnica. Ou talvez até uma questão razão, como melhores suas condições sociais. A população tinha seus motivos para a construção do novo município. Mas vale lembrar que a criação de um município por paixões étnicas ou de identidade cultural, é como torcer por um time de futebol: é emocionante, mas sem objetivos.

Ao fim de todo o processo recorrido, a vitória nas urnas foi concreta. A população de Forquilha já se considerava parte integrante do novo município. Nesse momento ocorre o fato talvez mais marcante de forma negativa para a população, pois neste momento o processo observou a consulta popular, com Pedro

---

<sup>14</sup> **Michaelis:** Dicionário Prático Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. p. 679.

Ivo Campos, então governador de Santa Catarina, frustrando o sonho da emancipação política que a população havia conquistada de forma democrática nas urnas. Veja a seguir nos relatos feitos por Amida Tiscoski.

Foi uma luta muito grande, muito grande, tinha dia que a gente chorava. Eu nunca vou me esquecer 22 dezembro de 1987, bem próximo do natal, aí entrou em pauta lá (Assembléia Legislativa), fomos lá e a gente pensava assim, é final de ano eles vão votar nosso favor, e nós perdemos aquele dia. Aí pronto. Pra nós tinha acabado tudo. Eu nunca vou me esquecer de um deputado, eu sei que estava sentada em uns degraus da Assembléia e chorando, porque todo mundo saiu de lá chorando. Aí ele colocou a mão no meu ombro e disse: 'não chora, vocês têm chance, entra novamente o ano que vem'. Aí eu falei para o coordenador que era Vanderlei Ricken, que depois foi prefeito. Eu disse pra ele. O Vanderlei respondeu pra mim: 'eu não sei se ainda tenho força'. Mas aí eu coloquei uma frase no papel que dizia assim: 'não há noite tão longa que não tenha sua aurora, portanto é perseverar, acreditar e continuar', e dei pra bastante gente pensar isso positivo. Aí quando foi no ano seguinte nós começamos novamente a luta.<sup>15</sup>

Pretendo esmiuçar esse relato de Amida Tiscoski, considerando algumas datas e acontecimento, para melhor esclarecer, ou argumentar com o objetivo de se aproximar de um entendimento de como era o sentimento da comunidade dentro de um processo tão longo com relação à emancipação. "Foi uma luta muito grande, muito grande, tinha dia que a gente chorava." Analisar os sentimentos colocados nessas palavras é muito complexo. Mas podemos mostrar a sequencia dos fatos, de forma que cada leitor tire suas conclusões.

Vamos começar nesse parágrafo, um processo de humanização dos fatos políticos. Convido o leitor a usar o mecanismo da imaginação, como forma de entender a política de forma mais relacionada à vida humana. Proponho aqui ao leitor montar um cenário mentalmente, no qual, em 1975, uma criança de 10 anos de idade, ao ouvir os comentários da família, sobre a tão sonhada emancipação, desenvolve aí seus primeiros sentimentos com relação ao ideal de construção de um novo município. Continuando esse processo de construção de um teatro imaginário, em 1980 um jovem passa por processo semelhante. Mais uma vez os discursos apaixonados e entusiastas estão em contato com sua trajetória de vida. Uma paixão plantada aos 10 anos de idade recebe uma fertilização já em outro momento. Em 1982, o processo de emancipação política é deflagrado de novo. Agora convido o leitor a colocar no teatro, que começou quando a criança tinha 10 anos, aos 17 anos, um pouco de frustração. Pois começa a entender que o sonho de

---

<sup>15</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 141.

emancipação política, plantado pelos adultos quando era criança, não era tão simples como parecia ser na infância. Nas palavras de Amida Tiscoski, podemos analisar o termo, “muito grande”: como a intensidade da luta pela emancipação. Mas vale à pena ressaltar o tempo que percorre tal objetivo. Período que uma criança de 10 anos se transforma em um adulto, que participara ativamente do processo. Na data de 18 de outubro de 1987 se realiza o primeiro plebiscito. O nosso personagem do teatro criado pela imaginação, que iniciou com 10 anos, se encontra ativo na participação com o voto, com aproximadamente 22 anos. A criança que viu o iniciar de uma luta, vai ver agora concluída a luta política, somente 24 anos após, em 1989.

Convidei o leitor para esse exercício de imaginação, para tirá-lo um pouco do exercício frio da análise de alguns processos eleitorais e judiciais. Assim apresentando uma trajetória de vida, dentro dos fatos históricos ocorrido.

De um ponto de vista simplificado, podemos dizer que foi apenas um processo político, que desencadeou na emancipação política do município de Forquilha, mas vale a pena entender que há histórias de vidas, intimamente ligadas à máquina social fria dos interesses políticos. Pessoas que sonharam, lutaram e se decepcionaram nos momentos de derrotas. Ou seja, há vidas formando as sociedades em suas complexidades. Considerando, é o fato de muitas vidas em um determinado espaço que gera a necessidade da presença do Estado, aqui ilustrado pela criação do município. As necessidades das vidas dos cidadãos do distrito de Forquilha geraram a vontade de se emancipar politicamente, dando-nos suporte para afirmar que os processos políticos nascem das necessidades humanas.

#### 4 ENFIM A EMANCIPAÇÃO, E A REALIDADE.

Como abordado no capítulo anterior, o termo luta aparece nos relatos de Amida Tiscoski. Esse ponto de vista colocado em questionamento era uma luta contra alguém ou algo. Se tratando de interesses de um distrito, tentando se emancipar de um município, que seria Forquilha com relação a Criciúma, pode considerar que estavam posto aí também interesses de indivíduos sendo contrapostos. Por questões econômicas e de território estava à cidade cricumense representada por seus líderes políticos, tentando evitar o processo de emancipação do distrito de forquilha. Por outro lado, a comunidade de Forquilha também argumentava com justificativas econômicas sua viabilidade para emancipação política. Mas no interior do distrito de Forquilha, grupos divergiam seus interesses. Por motivos de interesses políticos, como a administração do futuro município, talvez a representação étnica não fosse bem representada na comissão organizadora (COPEFOR). Esses pontos criaram atritos internos. Atritos que poderiam dificultar ou impossibilitar a criação do novo município. Podemos ver em uma entrevista cedida a Osório e Zanelatto, onde o senhor José Forgiarini relata por quais motivos era contra a emancipação de Forquilha:

O comitê pró-emancipação eu ajudei, foi feito um livro de ouro e uma rifa de uma moto, ajudei com os primeiros ônibus que foram para Florianópolis. Não sei se o pessoal sentiu que a emancipação tava garantida, aí o pessoal começou colocar que eu era contra a emancipação. Eu não sei se o pessoal achava que eu tinha interesses de ser candidato, começaram a colocar para a população que eu era contra a emancipação. Aí realmente o pessoal de Criciúma me convidou para participar de algumas reuniões na associação comercial de Criciúma. Junto com alguns vereadores, o pessoal da associação para que eu formasse a frente contra. “Já tão criticando, dizendo que tu é contra”, aí eu me revoltei mesmo. Eu não vou dizer que eu trabalhei contra, mas eu explicava para as pessoas que não era o momento ideal, que ainda dava para trazer muita coisa de Criciúma que era mais próxima. E depois a gente teria que ir para Florianópolis, ia mudar as distâncias. Eu sei que o pessoal faltou de me prender ali, mais depois eu fui candidato [...]. Porque tinha as pessoas que eram contra, e a única pessoa que colocava que não era o momento foi eu. E decerto por aquele trabalho as pessoas me deram uma votação boa. Apesar de que eu não tive inimidade e eu fui o vereador mais votado.<sup>16</sup>

Esses conflitos internos se refletiram fortemente nos resultados das urnas, quando na quarta tentativa de emancipação, o visível desgaste e a descrença da população com relação à emancipação se acumularam com os conflitos internos,

---

<sup>16</sup> Apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 145.

gerando grandes baixas com relação às urnas. A participação da população com o voto, em relação ao plebiscito ocorrido anteriormente, diminuiu drasticamente. Alguns fatores que podem ter influenciado nessa baixa participação da população, podem ter sido o desânimo, pelos fracassos ocorridos anteriormente, ou uma forma de boicote às urnas devido às rivalidades existentes anteriormente no distrito. Como podemos ver na tabela:

**Tabela 5:** Resultado da consulta plebiscitária.

Nº Seção	Localização da seção	Eleitores Da seção	Eleitores da seção	Eleitores de outras seções	Sim	Não	Votos branco	Votos nulos	Total
166	E. B. Sangão Cidade Alta	204	64	-	34	24	05	01	64
176	G. E. Frei Balthazar	286	178	-	160	10	08	-	178
403	São Defende	57	27	-	07	<b>17</b>	02	01	27
185	E. R. Giacomo Burigo Mãe Luzia	300	20	-	10	09	-	01	20
174	Bairro Ouro Negro	362	108	-	67	30	04	07	108
248	Morro Comprido	164	103	-	90	09	03	01	103
179	E. G. Frei Balthazar Forquilha	279	167	-	151	13	02	01	167
178	Forquilha	287	182	-	161	11	09	01	182
182	Santa Isabel	287	222	-	206	09	06	01	222
402	Linha Santa Cruz	131	18	-	-	<b>17</b>	01	-	18
177	G. E. Frei Balthazar	284	166	-	159	05	01	01	186
267	Centro Comunitário Santa Libera	176	60	-	28	<b>31</b>	01	-	60
146	Escola básica Ângelo Izé	276	204	-	182	12	02	08	204
243	E. I Francisco João Loch	291	228	-	216	08	03	01	228
242	G. E. Constantino De Lucca	86	57	-	44	12	01	-	57
181	E. G. Frei Balthazar	258	162	01	148	12	01	02	163
175	E. P. vila franca.	297	87	-	48	34	04	01	87
183	E. R. Francisco Hoepers	136	99	-	89	06	03	01	99

Nº Seção	Localização da seção	Eleitores Da seção	Eleitores da seção	Eleitores de outras seções	Sim	Não	Votos branco	Votos nulos	Total
247	Santa Rosa	203	141	-	127	11	01	02	141
244	E. I. São Pedro	114	80	-	71	09	-	-	80
245	E. I. Osvaldo Savi	197	107	-	94	11	-	02	107
249	E. i. Ernesto Pazini	142	93	-	68	22	02	-	93
241	E. I. Luiz Boeng	98	89	-	86	02	-	01	89
180	G. E. Frei Balthazar	292	166	-	154	10	02	-	166
184	Vila Lourdes	298	201	-	180	15	03	03	201
	<b>Total:</b>	<b>5.505</b>	<b>3.029</b>	<b>01</b>	<b>2.580</b>	<b>349</b>	<b>65</b>	<b>36</b>	<b>3.030</b>

**Fonte:** Assembleia Legislativa do estado de Santa Catarina apud Osório e Zanelatto, 2012, p. 144. Adaptado pelo autor.

Uma análise dos dados expostos acima revela que dos 5.505 (cinco mil e quinhentos e cinco) eleitores, 2.925 (dois mil e novecentos e vinte e cinco) não apareceram no dia da votação, um percentual significativo de eleitores deixou de participar do processo. Estes números revelam também indicio de disputa pelo poder político local, antes mesmo da emancipação estar caracterizada. Essas disputas traduziram na forte oposição à emancipação política, expressa na forma de boicote à votação.<sup>17</sup>

Dessa tabela podemos ver que o “sim” perde em três seções, que geograficamente se localizam em bairros mais distantes do núcleo dos alemães e muito próximos à Criciúma. Um dentre esses bairros – São Defende – na atualidade pertence a Criciúma. Outro fator que pode ser observado é que no bairro Mãe Luzia, onde o “não” venceu no plebiscito anterior, o “sim” vence por 10 (dez) votos a (nove). Mas esse fato se explica na baixa participação do eleitorado nas urnas, é que nesse momento as oposições à criação do município mudaram suas estratégias, e optaram pelo boicote às urnas, tentando invalidar o plebiscito.

Os 2.580 (dois mil quinhentos e oitenta) eleitores que não compareceram às urnas poderiam ter vários motivos para não realizar seu direito, ou dever, ao voto. Mas aqui nos limitaremos a apontar dois desses motivos. O principal foi um modelo de oposição à criação do município, no qual os opositores optaram por não comparecerem às urnas. O segundo motivo para esse baixo interesse, o desânimo pela sequência de derrotas que o projeto emancipacionista vinha sofrendo nos meios judiciais. A oposição viu no desânimo das pessoas um modo de invalidar o

<sup>17</sup> Apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha:** do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 145.

plebiscito. Mas mesmo assim, o “sim” venceu, e a quantidade de eleitores que votaram, foi o suficiente para que o processo eleitoral fosse aceito.

Algumas obras da história de Forquilha escritas por moradores da mesma localidade, trazem consigo um tom dramático, que às vezes parece um romance que envolve drama e ação com personagens exaltados como heróis. Em uma análise primária podemos tecer críticas, desfazer seus heróis; mas analisando a forma como ocorre todo o processo de emancipação, as tantas desilusões, vamos procurar entender seu tom dramático. Pois com o segundo plebiscito, mais uma vez a população que era a favor da criação do novo município teve que suportar mais um tempo de angústia, por motivos que veremos na citação seguinte:

Mas, para a tristeza da população de Forquilha que votou pela emancipação, outro problema veio acontecer. Mesmo com a homologação do resultado do plebiscito pelo Tribunal Regional Eleitoral na Assembléia Legislativa, o processo de emancipação, foi suspenso temporariamente. Duas justificativas foram apontadas na Assembléia para o ocorrido: 1) Tramitava no Supremo Tribunal Federal a representação sobre inconstitucionalidade das leis que criavam novos municípios em Santa Catarina; 2) A Assembléia Legislativa desejava aguardar a promulgação da nova constituição Federal.<sup>18</sup>

Estabelecida a situação no Supremo Tribunal Federal, cabendo ao Estado legislar sobre a criação do novo município, Forquilha estaria tranquila para se auto-administrar. Mas o “drama”, quer dizer, a história do município, precisava ter mais uma página antes de chegar ao “grande final”. Nesta página aconteceria a última reação do “vilão”, ou melhor, da oposição à emancipação. Moradores contrários à emancipação enviaram um abaixo assinado contendo 2.175 (duas mil cento setenta e cinco) assinaturas. Observemos a citação a seguir:

Além de dificuldades legais, no início do mês de abril de 1989 foi encaminhado um abaixo-assinado para Assembleia Legislativa contendo 2.175 (duas mil e cento e setenta e cinco assinaturas). Este foi organizado por moradores de Forquilha que eram contrários à emancipação. O abaixo-assinado possuía o seguinte teor:

Nós, abaixo assinados, gozando do direito universal do voto, nos termos do artigo 14º da constituição promulgamos no dia 09.10.88 com domicílio eleitoral no Distrito de Forquilha, município de Criciúma, estado de Santa Catarina vimos de público e coletivamente manifestar o seguinte:

- a) que seja mantida a atual condição de Forquilha, ou seja, Distrito de Criciúma;
- b) que seja anulado plebiscito do realizado em 04.09.88, por não ter espelhado a realidade, nem a vontade da maioria dos eleitores;

---

<sup>18</sup> Apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 146.

c) Que seja realizado no plebiscito, abrangendo todos os eleitores de Forquilha, para conferir ou não o desejo de sua emancipação.<sup>19</sup>

Analisando o fato de um abaixo assinado ser enviado para a Assembleia Legislativa, sem contextualizar com os fatos históricos que já tinham ocorrido envolvendo as tentativas de emancipação, pode parecer algo sem importância. Mas para uma população, que por três vezes havia visto a derrota, qualquer movimento político, por menor que fosse, era motivo de muita preocupação. Sendo assim, o abaixo assinado, e carta, enviados para Assembleia legislativa, já eram motivos de aflição para uma parte da população que continuava a sonhar com a emancipação política.

Quando me refiro à população que continuava a sonhar, é porque no período que percorreu o sonho de autonomia política, muitas frustrações levaram alguns cidadãos ao desânimo com relação a tais projetos. As disputas políticas envolvendo questões partidárias e interesses de administrar o novo município provocaram as cisões que, conforme apontado anteriormente deu resultados nas urnas. Como também podemos mostrar através de depoimento como era a questão sentimental, que envolvia essas disputas que cindiram o projeto de emancipação de Forquilha. Veja alguns trechos desses relatos, para melhor entender como era o clima que envolvia as disputas internas pelo “sim” e pelo “não” da criação do novo município.

Eu não sei se o pessoal achava que eu tinha interesses de ser candidato, começaram a colocar para a população que eu era contra a emancipação, Ai realmente o pessoal de Criciúma me convidou para participa de algumas reuniões na associação comercial de Criciúma... Aí eu me revoltei mesmo... Apesar de que eu não tive inimizade e eu fui o vereador mais votado.<sup>20</sup>

Um dos detalhes que essa entrevista aponta é a disputa por quem ocuparia o poder após a emancipação. Porém algumas frases ditas na mesma entrevista – “aí eu me revoltei mesmo” – mostram uma condição do personagem, naquele determinado momento. Ao encerrar a entrevista outra argumentação que vale ressaltar: “Apesar de que eu não tive inimizade e eu fui o vereador mais votado”. A partir daí dá para entender que, como uma justificativa, o senhor José Forgiarini tenta mostrar que nos dias atuais está tudo bem. Mas vamos considerar,

---

<sup>19</sup> Apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 146.

<sup>20</sup> José Forgiarini apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 145.



ainda, uma entrevista, da senhora Amida Tiscoski, na qual também aparecem indícios de que no período referido as disputas pelo “sim” e pelo “não”, ia além dos meios políticos, mas se tornavam questões pessoais.

Bem no início não. No início era maravilhoso, a gente ia, era todo mundo igual, todo mundo junto, mas nós tivemos uma vez, vou citar hoje tá tudo beleza, era um direito deles, mas foi uma bobagem muito grande, uma vez eu chegamos lá, a galeria estava tomada por pessoas daqui que eram os Forgiarini que tinham pagado dois ônibus para levar essas pessoas lá. Chegamos lá, tinha faixas “não queremos emancipação de forquilha”. Isso pra nós foi bá, aí dividiu um pouco, dividiu, que eles queriam continuar pertencendo à Criciúma. A gente não sabe por que, mas, mas foi feito a cabeça com certeza, através dos empresários de Criciúma. Eu sei que aquilo pra nós foi uma facada. E nós ficamos lá em pé porque a galeria estava tomada. Ficamos em pé lá e realmente aquele dia realmente não passou, mas lutamos e lutamos, mas depois quando a gente conseguiu eles queriam ser candidatos né. Na verdade o Zinho foi vereador, e me dou muito bem com eles, eu nunca tive nada contra. Hoje me dou muito bem com a família Forgiarini.<sup>21</sup>

As duas entrevistas, tanto a do senhor José Forgiarini, quanto a entrevista da senhora Amida Tiscoski, revelam indícios de que o lado emocional ficava acirrado, dentro desses ideais contrários, pela criação ou não do novo município. Se observarmos essa frase da senhora Amida Tiscoski: “Eu sei que aquilo pra nós foi uma facada”, considerando a gíria, veremos o sentimento de traição, onde o sentimento de quem afirma parece ter sido traído. Com isso já é possível afirmar que as disputas por objetivos políticos iam muito além das intenções de votos, muitas vezes se tornando uma questão pessoal.

Também podemos fazer algumas conclusões sobre o conflito na forma como os personagens encerram suas entrevistas, como se pode observar a seguir: “Na verdade o Zinho foi vereador, e me dou muito bem com eles, eu nunca tive nada contra. Hoje me dou muito bem com a família Forgiarini”<sup>22</sup>. Vejamos agora o encerramento da entrevista do senhor José Forgiarini: “Apesar de que eu não tive inimizade e eu fui o vereador mais votado”<sup>23</sup>. Observando o encerramento das duas entrevistas, o senhor José Forgiarini, também conhecido como Zinho, cita o termo “eu não tive inimizade”. A senhora Amida Tiscoski acrescenta “Hoje me dou muito bem com a família Forgiarini”. Os dois personagens tentam justificar a realidade

---

<sup>21</sup> Amida Tiscoski apud ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 145.

<sup>22</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p.147.

<sup>23</sup> ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha**: do presente para o passado, outras memórias uma nova história. Criciúma: Ed. UNESC, 2012. p. 145.

atual, como está tudo bem. Lembrando que a entrevista ocorre duas décadas depois dos fatos ocorridos. Considerando o tempo percorrido, a sequência na convivência dessas pessoas, os ânimos antes acirrados, nesse momento em que se realizam essas entrevistas, já se encontram amenizados. Enfim a emancipação é conseguida definitivamente entre contrariedades e a extenuante jornada, o sonho de uma parte da população estava realizado, o município de Forquilha era uma realidade. Realidade essa que se concretiza com o primeiro prefeito eleito, senhor Vanderlei Ricken, o qual em entrevista ao Jornal da Manhã admite que o primeiro mandato seria difícil, pois a infraestrutura disponível para a nova prefeitura era precária, e era necessário mostrar para a população que Forquilha deu certo. Mas ao mesmo explica que a euforia da população contribuiu para alavancar a economia do município. Veja esses argumentos na própria entrevista, publicada no dia 22 de agosto de 2013:

Nascimentos de novos municípios da região estiveram em destaque no Jornal da Manhã. Entre os quais, está Forquilha, instalada oficialmente no dia 1º de janeiro de 1990. “O principal desafio que tivemos de enfrentar no primeiro mandato foi provar que a emancipação foi uma conquista não poderia admitir questionamentos, especialmente pela população do novo município. E, para isso, tivemos apenas três anos, já que o primeiro mandato foi menor. E isso teve que ser demonstrado a partir do zero, porque a estrutura que havia na intendência Distrital era insignificante”, lembra o então chefe do Executivo, Vanderlei Ricken.

Na contramão das limitações, o sentimento era de motivação. “Se estabeleceu um ambiente inédito de efervescência em todos os sentidos. Até a principal avenida de 25 de julho, ficou mais movimentada. A palavra de ordem era empreender e capacitar para os novos tempos. As vitrines das lojas foram melhoradas nos primeiros dias daquele janeiro”, descreve Ricken.<sup>24</sup>

Pensando nessa entrevista, isolando a mesma do contexto, aparentemente tudo estava normal. Mas se contextualizarmos a mesma com as campanhas realizadas em favor da emancipação, esta, pela lógica, não apresentou as dificuldades com que o município passaria nos primeiros tempos. Porém o próprio entrevistado, senhor Vanderlei Ricken, afirma que a euforia que a população sentia foi um fator importante para a economia do município. Esta análise já considera que o município apresenta certa prosperidade nos dias atuais, com isso o entrevistado pode admitir tranquilamente que tinham medo que o novo município não desse certo economicamente. Quando o entrevistado se refere à Avenida 25 de Julho, vale à pena lembrar que é a principal avenida do município, onde se encontram os

---

<sup>24</sup> Jornal da Manhã. 22 de agosto de 2013.

principais estabelecimentos comerciais, uma das maiores fontes de renda no período que ocorria a emancipação.

Mas enfim a emancipação ocorreu, com base em um processo democrático, considerando que mesmo se tratando de democracia é uma maioria impondo sua vontade sobre uma minoria. Alguns dos bairros que estavam na pretensão territorial, do projeto emancipacionista, acabaram por não pertencer a Forquilha – quais sejam, São Defende e Mãe Luzia – considerando o fato de que a grande maioria da população que pertencia a esses dois bairros, não queria pertencer à Forquilha.

Até esse ponto, temos apresentadas duas visões sobre a emancipação de Forquilha, uma contra, e outra a favor da criação do novo município. Mas essas duas visões são de cidadãos que habitam o território em questão. É preciso também verificar a opinião de um Criciumense. Essa opinião foi publicada em forma de crônica, no dia 08 setembro de 1989, quando já haviam sido marcada as eleições para prefeito de Forquilha.

#### FORQUILHINHA INDEPENDENTE

Vou falar hoje, de Forquilha. E para falar de Forquilha, tenho que retornar no tempo, a 1925, portanto a mais ou menos 65 anos.

Naquele tempo Cresciúma era distrito de Araranguá. Nossos habitantes, liderados por Marcos Rovaris, Cincinato Napolini, Pedro Benedet, Gabriel Arns, João Bortoluzzi, Ernesto Lacombe e tantos outros, garantiam – com uma ponta de desconfiança – que o distrito era promissor e que, se recebesse a sua independência, haveria de se transformar em um grande município.

A notícia que o distrito queria se emancipar chegou aos ouvidos dos políticos da cidade, ali em Araranguá, estes não gostaram de saber que o interior estava com idéias emancipacionistas. E, levaram a Assembléia Legislativa de então, sua oposição a qualquer iniciativa de se dar emancipação a Cresciúma.

A turma do Marcos Rovaris, todavia não se intimidou: foi à luta. Varias viagens foram empreendidas à capital e, finalmente, a 04 de novembro de 1925, Criciúma ganhava a sua condição de município, desmembrando-se de Araranguá.

Passados 65 anos parece que os episódios, trocados apenas os personagens, se repetem: lideranças políticas de Forquilha e o próprio povo dali, em plebiscito, manifestaram-se pela independência. E mostraram competência ao demonstrarem as potencialidades do distrito a ponto de verem os deputados e o governador do estado aprovando sua emancipação, malgrado toda a pressão em contrário exercida pelo poder econômico e político de Criciúma.

Há um princípio elementar no direito das nações pelo qual não se pode negar aos povos do mundo a sua autodeterminação. Mutatis mutandi esse princípio deve ser aplicado aqui: se o povo de Forquilha entende que pode se autogerir, não seremos nós, do município-mãe, que deveremos impedir.

E, nesta linha de raciocínio, aprovada a emancipação e já com data para a primeira eleição de prefeito, e vice-prefeito e vereadores, compete-nos

abraçar os forquilhenses e colaborar, tanto quanto pudermos, para que Forquilha cresça grande e forte. Quanto mais grande e forte ela for, mais forte e grande será Criciúma que, na condição de centro sócio-político regional, só ganhará com sua emancipação.

Respeitemos as lutas havidas até aqui. Mas resignemo-nos aos preceitos legais que dão a Forquilha a condição de igualdade a Criciúma a aos mais de 200 municípios de Santa Catarina.

Paulo Hoepers e Vanderlei Luiz Ricken disputam a prefeitura. São honrados nomes colocados à disposição do eleitorado pleiteando o privilégio de ser o primeiro prefeito e o implantador do novo município.

Município que recebe os nossos cumprimentos, extensivos a todos os seus habitantes.<sup>25</sup>

O ponto de vista colocado pelo autor, em sua crônica, teve como princípio uma análise da própria realidade de Criciúma, que teve sua emancipação política em relação à Araranguá, de forma semelhante, pois o mesmo aponta que Araranguá também tentou dificultar a emancipação de Criciúma. O autor da crônica, senhor Napolini Filho, se refere às lutas que foram deflagradas nos meios legais. Mas ao mesmo tempo, procura compreender os esforços que a população de Forquilha teria empreendido no sentido de se tornar município. O autor também mostra que Criciúma também vai ter vantagens econômicas com o progresso de Forquilha e que a emancipação só se dá nas questões políticas administrativas. Criciúma continuara sendo a cidade pólo de todos os municípios desmembrados.

---

<sup>25</sup> NASPOLINI FILHO, Archimedes. **O torresmo do ministro Adhemar**. Criciúma: Ed. do autor, 2001.

## 5 CONCLUSÃO

O processo de emancipação política de um município pode abrir muitos questionamentos. Um deles é o que leva os interesses de uma população em fragmentar as divisões políticas municipais. Quanto à essa questão, com relação ao município de Forquilha, posso argumentar com muita segurança que, culturalmente Forquilha nunca pertenceu à Criciúma. Havia até certo preconceito por ambas as partes. Os cidadãos da sede viam os moradores de Forquilha como colonos grosseiros e truculentos, já os alemães classificavam os moradores de Criciúma como desordeiros e preguiçosos. Mesmo a questão dos casamentos, que é uma forma de socialização muito eficiente, na comunidade de Forquilha o casamento com indivíduos não pertencentes à etnia alemã, não era bem visto. Por esses motivos apresentados acima é fácil de afirmar esse não pertencimento cultural de Forquilha com relação à Criciúma.

Levando em conta os fenômenos acima citados, era uma questão de tempo e oportunidade para que Forquilha procurasse caminhos para não pertencer mais à Criciúma politicamente, considerando que, a questão de pertencimento cultural e de identidade sempre foi pequena, ou inexistente. Considerando uma suposta união étnica, entre os moradores da comunidade, foi fácil colocar lideranças políticas a seu serviço nos municípios, os quais pertenceram. Mesmo quando a região de Criciúma pertencia a Araranguá, cidadãos da comunidade de Forquilha já estavam atuantes, até mesmo se tratando da emancipação política de Criciúma, havia então a participação de cidadãos de Forquilha. Em 1925 Gabriel Arns já participava das lideranças em prol da emancipação do distrito de Cresciúma.

Com todos os fatores que distanciavam Forquilha de Criciúma, seria uma questão de a região ter população e poder econômico suficiente, para que o processo de emancipação política ganhasse força na localidade. Mas haveria um grande obstáculo para ser contornado antes de qualquer sonho emancipacionista. A criação do município de Nova Veneza dividiu a comunidade de Forquilha, a identidade étnica cultural e religiosa estava dividida, em territórios políticos diferentes, uma parte da comunidade pertencendo a Criciúma, a outra ao município de Nova Veneza. Assim ocorrido, a unidade étnica teria que ser ativada politicamente de novo. Mobilizações de políticos de ambos os lados da comunidade,

tanto em Criciúma, como também em Nova Veneza, se colocaram em atividade, com o objetivo de unir a comunidade, que mantinha uma união tanto por laços familiares como também étnicos culturais. Com essas atividades política e o interesse da maioria da população, o obstáculo é contornado. Uso o termo contornado, em substituição a superado, por que essa anexação de território ocorreu somente por meio de acordos políticos, na câmara de vereadores de Nova Veneza. De uma forma ou de outra, a comunidade, já então distrito, estava unida pela geografia política.

A condição de distrito pertencente à Criciúma levou a população de Forquilha a acreditar mais na capacidade de se autogerir politicamente, e, em 1975, coloca-se em prática a primeira tentativa de emancipação. Na qual um número de 180 pessoas enviam um abaixo assinado para a Assembleia Legislativa, pedindo a emancipação de Forquilha. Nessa primeira tentativa a própria população reconhece que faltou organização para o projeto da comunidade.

Mas se a primeira tentativa falhou, a semente estava lançada, e em solo fértil, quando me refiro a solo fértil, estou me referindo à como estava a condição da população de Forquilha com relação a Criciúma: Além do pertencimento cultural, o qual foi citado anteriormente, afirmando que raramente existiu, mais alguns agravantes estavam colocados em jogo, como a sensação de abandono do distrito, em relação a sua sede municipal, e, logicamente, interesses políticos de grupos de Forquilha. Então é lançada a segunda tentativa de emancipação. E nesse momento, é que os cidadãos do distrito de Forquilha começam a perceber que seu sonho de emancipação teria oponentes, esses mesmos conseguiram nessa segunda tentativa de emancipação cancelar, o plebiscito 40 dias antes de ser colocado em prática. Então a comunidade começa a perceber que o sonho e a realidade poderiam estar mais distantes do que imaginavam.

Quanto ao solo fértil, aqui começa haver forte erosão. Então era preciso alguém para cultivar e recuperar o solo desgastado pela erosão de duas tentativas de emancipação fracassadas. Esse melhor cultivo seria a propaganda, então criaram uma comissão organizadora para fertilizar os ideais emancipacionistas em todos os cidadãos da localidade.

Na terceira semente a semente germinou e soltou sua florada. O grupo escolhido para organizar a propaganda e finanças, denominado COPEFOR, fez um bom cultivo, conseguiu realizar o plebiscito, em 18 de outubro de 1987, 77% dos

eleitores de Forquilha compareceram às urnas. Desses, 82% votaram pelo “sim” à criação do município. Mas outra vez a interferência de Criciúma nos meios judiciais invalidou a vontade da maioria da população. Falo a maioria por que as urnas mostraram que a vontade de se emancipar não era unanimidade. Nesse momento percebe-se que os emancipacionistas de Forquilha tinham duas frentes de oposição, uma interna, outra externa. A oposição interna estava associada principalmente a etnia italiana, que não se sentia representada na criação do novo município, e questões políticas partidárias que começavam a dividir a população, com relação ao “sim” ou “não”.

Mais dividido, com a população já perdendo as esperanças, a comunidade vai para a sua quarta tentativa de emancipação. Toda a angústia de quem sonhava com a emancipação, nessa quarta tentativa, se justificava, pois já havida três derrotas, uma oposição à criação do novo município já bem articulada, os eleitores iriam votar novamente, sem saber se seu voto seria respeitado ou não. A oposição, como já citada anteriormente, bem articulada, cria uma nova estratégia, o boicote às urnas. Boicote esse que em 04 de setembro de 1988 quase deu resultados, pois dos cinco mil quinhentos e cinco eleitores, só compareceram as urnas três mil e vinte e nove. Mas mesmo assim o número mínimo para validar o plebiscito foi alcançado. Mais uma vez, o “sim” pela criação do município vencia nas urnas. Agora era só esperar que algumas questões legais se resolvessem a nível estadual e federal para que o distrito tivesse o sonho de se autogerir realizado. Mas como um filme de suspense, para ter fim era preciso um pouco mais na dramática história que envolve a mesma comunidade. Carta e abaixo assinado foram enviados para a Assembleia Legislativa com o objetivo de cancelar a criação do município, mas pouco adiantou: o município foi criado em 20 de abril de 1989.

Em todas as disputas há vencedores e vencidos. É até curioso que quando se trata da criação de um município, os derrotados terão que assimilar a derrota, ocorrendo isso também em Forquilha, pois já na primeira eleição, os vencidos participaram como vereadores, transformando-se a oposição à emancipação em oposição interna.

Sendo assim, é preciso entender que por mais que se tente dar aparência de unanimidade nos processos políticos sempre haverá oposição. E não foi diferente neste caso; por de trás de uma aparente união étnica cultural se esconde abismos de diferenças políticas e mesmo étnica. No caso de Forquilha, essa diferença se

dava entre italianos e alemães, o que quase colocou por água abaixo o seu projeto de emancipação política.



## REFERÊNCIAS

ARNS, Otília. **Forquilha 1912-2002: História e resgate da memória dos nossos antepassados.** Florianópolis: IOESC, 2003.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da História.** 2. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

**Michaelis:** Dicionário Prático Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

NASPOLINI FILHO, Archimedes. **O torresmo do ministro Adhemar.** Criciúma: Ed. do autor, 2001.

RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2. Ed Rio de Janeiro: FGV Ed., 2003.

ZANELATTO, João Henrique; OSÓRIO, Paulo Sérgio. **Forquilha: do presente para o passado, outras memórias uma nova história.** Ed. UNESCO, 2012.